

ANDRÉ BUENO · CARLOS EDUARDO CAMPOS · DILZA PORTO



ENSINO DE HISTÓRIA: TEORIAS E METODOLOGIAS



**SOBRE ONTENS
EDIÇÃO ESPECIAL
EBOOK.2020**

ESTUDOS DE GÊNERO, ENSINO E PESQUISA: TEMAS SENSÍVEIS EM TEMPOS SOMBRIOS

Mônica Karawejczyk e Marlise Regina Meyrer

Como professoras do ensino superior, temos nos dedicado a pesquisar questões que envolvem os estudos de gênero e a história das mulheres. Até o início dos anos 2000 quase não havia bibliografias sobre essas temáticas no Brasil, sendo que podemos considerar que esse campo de estudos ainda se encontra em processo de consolidação. Na área do Ensino, o tema ganhou maior destaque a partir do Plano Nacional de Educação [2006] e Diretrizes Nacionais de Educação [2013]. Esse processo, no entanto, encontra-se ameaçado frente ao avanço de um pensamento conservador no Brasil, quando uma abordagem generificada da História está sendo constantemente questionada, seja pelos poderes públicos através de censura, cada vez mais explícita, ou pela mídia, especialmente a digital.

Apesar de tal constatação, percebemos que, desde 2010 há uma verdadeira explosão de publicações acadêmicas e paradiáticas sobre os estudos de gênero, bem como @s discentes têm demonstrado um interesse cada vez maior sobre a temática. Temos percebido, nas salas de aula, um real interesse entre @s graduand@s de história por esta temática, o que tem motivado tanto o aparecimento de grupos de estudos voluntários em horário alternativos das aulas em algumas universidades, quanto o aparecimento de coletivos feministas que procuram através da internet visibilizar cada vez mais as temáticas de gênero.

Temos aqui a intenção de dar visibilidade para os estudos de gênero e, nesse sentido, acreditamos ser importante falar das nossas próprias pesquisas, até como uma forma de depoimento. São duas realidades diversas, mas que ilustram bem como a temática tem influenciado nossas escolhas enquanto professoras. Optamos em fazer tais relatos na primeira pessoa como forma de nos apoderar da fala e diferenciar as experiências vivenciadas por cada uma das autoras.

Mônica: desde minha graduação tenho me pautado em pesquisar sobre a história das mulheres, contudo, não havia nenhuma disciplina, no início dos anos 2000, na UFRGS, que focasse nesse tema ou nos estudos de gênero. Mesmo assim me interessei em saber mais sobre a vida de uma mulher, Christine de Pisan, que em pleno medievo havia escrito um tratado abordando temas como a educação feminina, esse foi o tema do meu TCC na época e serviu de base para outros estudos e publicações [Karawejczyk, 2016]. Já no meu mestrado eu procurei identificar se houve alguma movimentação em prol do voto feminino no Rio Grande do Sul nos anos iniciais de 1930, pois a bibliografia especializada somente dava destaque para manifestações no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte. A fonte principal de consulta foi um jornal de Porto Alegre, o *Correio do Povo*. Eu me referia as minhas pesquisas, na época, mais como história política e que eu trabalhava com a imprensa do que identificava a minha proposta

com os estudos de gênero. Somente quando eu comecei o doutorado é que as questões de gênero realmente tomaram vulto para mim e, nesse momento, passei a frequentar as reuniões do GT de Estudos de gênero da ANPUH-RS, e partilhar leituras e angústias com @s colegas que participavam dos encontros. Tais reuniões me ajudaram muito e eu percebi a complexidade do tema e das mais variadas abordagens que ele proporciona.

Creio que os estudos de gênero nos permitem ter outro olhar para as fontes, também percebi que não era simplesmente acrescentar as mulheres na história, mas sim de se pensar as relações entre homens e mulheres e no modo como acabamos socializando de forma diferente meninos e meninas, de como criminalizamos certas atitudes e como isso é uma construção da cultura em que cada um está inserido e do contexto em que nossas histórias são vividas. Foi nas reuniões do GT que acabei me dando conta de que quando falamos de história das mulheres - nas nossas pesquisas e nas nossas aulas - temos que particularizar nossas falas, nossos temas. Afinal de que mulheres estamos falando? A partir de tais questionamentos, novas perspectivas começaram a ser abordadas e minha tese, recém-publicada, é uma prova disso. *As filhas de Eva querem votar: uma história da conquista do sufrágio feminino no Brasil* [2020] procura salientar os personagens, homens e mulheres que fizeram parte da campanha em prol da cidadania feminina no Brasil, mostrando suas relações e as limitações impostas pelo período em que viveram. Logo após ter terminado o doutorado passei um tempo na Fundação Biblioteca Nacional como pesquisadora-residente e lá pude me dedicar a pesquisar mais sobre a conquista do voto feminino e percebi como esse novo olhar sobre as fontes me tem proporcionado outras leituras e surpresas [Karawejczyk, 2019]. Atualmente tenho me dedicado a lecionar e a pesquisar sobre as temáticas de gênero na PUCRS e a parceria com Marlise Meyrer, desde 2018, tem se mostrado profícua e inestimável. Refinar, aguçar, generificar meu olhar como pesquisadora e, agora, como professora, foi a contribuição que os estudos de gênero acabaram por me proporcionar.

Marlise: ao olhar retrospectivamente para meu passado acadêmico, que se iniciou na década de 1980, no curso de graduação, a primeira lembrança que me vem em mente é a daquela realidade social em que, para maioria alunas mulheres, como eu, a graduação em História foi uma opção, dentre tantas outras no rol das licenciaturas, criadas nos tempos da ditadura, e que mudaram radicalmente o perfil dos professores no país. Neste contexto, grande parte das

alunas foi construindo sua formação lentamente ao mesmo tempo em que tinha filhos e atendia aos desígnios de mãe e esposa, cobrados pela sociedade, bem diferente do alunato jovem de hoje, que termina a graduação com a idade que eu iniciei e encaminha-se direto para o Mestrado e Doutorado. Parto desse relato pessoal "fundador" do meu "eu", pesquisadora dos temas sobre gênero, para chamar atenção de como o impulso que tiveram os estudos sobre a História das Mulheres, desde os anos 1980 e posteriormente de gênero, relacionam-se com a

experiência/vivência feminina de exclusão e exploração, possibilitando um olhar crítico sobre a sociedade patriarcal do mundo ocidental. É consenso que grande parte das historiadoras consolidaram seus estudos a partir de uma prática militante feminista. No caso brasileiro, o maior acesso feminino ao ensino superior contribuiu para a expansão desses estudos, como foi o meu caso. Já na graduação, no meu TCC, acabei por pesquisar parte da minha vida e do meu lugar, quando abordei o protagonismo das mulheres no mundo do trabalho na região do Vale dos Sinos. Minha intenção foi, a partir das histórias oficiais que tinham protagonistas masculinos, identificar o papel das mulheres naqueles contextos, ou as histórias que não foram contadas. Dei o título a esse trabalho: "Apesar de ser mulher", citando a fala de uma de minhas entrevistadas. Foi meu primeiro contato com uma bibliografia, à época ainda incipiente sobre a História das Mulheres, cito Michelle Perrot, Margareth Rago, Heleith Saffiotti, Maria Valéria Junho Penna e Mirian Moreira Leite. Em minha dissertação intitulada: "Evangelisches Stift: uma escola para moças das melhores famílias" - estudei uma escola evangélica alemã para moças fundada em 1886. Foi o momento de um aprimoramento intelectual, quando a relação entre, minhas experiências e a teoria, passaram a construir novos significados sobre minhas pesquisas.

As leituras específicas sobre História das Mulheres, que foram aprofundadas, somaram-se textos de Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Natalie Davis. Também sobre a educação feminina: Eni Mesquita Samara, Guacira Louro, Elza Nadai. Nesse trabalho me preocupei com o que hoje identificamos como a interseccionalidade, discutindo gênero, etnia e classe social no espaço social da instituição escolar estudada. Parte desse trabalho foi publicado, em formato e-book e impresso, em parceria com Daniel Luciano Gevehr [Meyrer; Gevehr, 2014]. Meu projeto do doutorado foi fruto de minha experiência docente no curso de Comunicação da UNISINOS, quando, estudando para a disciplina de História da Comunicação, e pesquisando a história da imprensa, deparei-me com a riqueza das revistas ilustradas, em especial a revista *O Cruzeiro*. Na tese, intitulada "Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista *O Cruzeiro* [1955-1957]", analisei as representações sociais veiculadas nas fotorreportagens da revista como parte de um projeto pedagógico que visava, em última análise, inserir o Brasil no mundo dito "civilizado". Embora nessa pesquisa não tenha me dedicado especificamente à história das mulheres, um dos capítulos discute o papel pedagógico da revista na construção de estereótipos sobre a mulher brasileira, como nas reportagens sobre os concursos de Miss Brasil. A tese foi publicada também em e-book [Meyrer, 2017]. De 2012 a 2017 integrei o corpo docente do curso de História e Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo [UPF], onde acabei orientando a maioria das monografias e dissertações sobre história das mulheres.

Ao mesmo tempo, organizei grupos de estudos de Gênero e História Oral na Instituição que resultaram em dois trabalhos audiovisuais e um livro. O primeiro trabalho foi uma pesquisa sobre a antiga rua do meretrício da cidade e um cassino de luxo no local, que funcionava como local de

encontros. A partir da História Oral, produzimos o documentário: “XV de Novembro: fronteiras da [in]tolerância” e um livro com o mesmo título [Meyrer, 2016]. Outra produção foi o vídeo *Gênero, Educação e Sexualidade* [acesso on-line, indicação nas referências] que apresenta entrevistas com nove jovens sobre suas experiências recentes no espaço escolar. A questão de como as relações de gênero são tratadas e “sentidas” no espaço escolar, foi definida a partir do interesse do grupo, que se pautou por temas “incômodos”, muitas vezes traumáticos e da empatia com as dificuldades e sofrimento deles mesmos. Atualmente, desde 2018, integro o corpo docente do curso de graduação e pós-graduação em História da PUCRS, onde continuo a desenvolver projetos e pesquisas sobre História e relações de Gênero e orientando dissertações e teses sobre o tema. Também coordeno, junto com Mônica Karawejczyk, um grupo de estudos de Gênero. Ministramos, também em parceria, a disciplina do Programa do Pós-graduação em História: “História e Gênero: pesquisa e discussões historiográficas”. Nesse relato de minha trajetória, procurei mostrar como experiências de vida e profissionais pautadas pelas leituras teóricas, constituíram minha subjetividade, neste caso, um sujeito feminista e professora de história. Também evidencia a influência desse processo nas minhas práticas de ensino. Exemplo disso é que, em todas as minhas aulas, desde aulas sobre a Antiguidade Oriental, Idade Média ou Patrimônio as mulheres sempre estão presentes, evidenciando a indissociabilidade entre ensino e pesquisa.

Os relatos de nossas experiências acadêmicas servem para evidenciar, a partir de percursos pessoais, a trajetória dos estudos de gênero na historiografia, bem como no ensino sobre essas temáticas nos cursos de graduação. Temos observado que as pesquisas que se tem debruçado sobre os estudos de gênero têm mostrado uma variedade de abordagens e de fontes. Com fins de exemplificar essa nossa constatação, passamos a apresentar os trabalhos que participaram de um dos Simpósios Temáticos [STs] do Encontro de Pesquisas Históricas, organizado pelos estudantes do curso de História, ocorrido no ano de 2019, na universidade em que trabalhamos a PUCRS. No ST Gênero e História das Mulheres observamos que a maior parte dos trabalhos foi proposta por mulheres. Analisando os resumos apresentados as palavras mais utilizadas foram: “invisibilidade histórica” e “resgate da trajetória” para justificar as pesquisas. Tais trabalhos se concentravam a analisar o espaço urbano, nos séculos XX e XXI e com foco na história das mulheres. Chama a atenção além do enfoque o uso das fontes mais diversas, tais como literatura; periódicos, tanto da grande imprensa quanto de uma imprensa especializada; entrevistas; textos sagrados; anais de conferências; quadrinhos; fotografias e pinturas; processos-crimes; documentos de instituições das mais diversas; discursos medico-psiquiátricos; filmes; depoimentos pessoais; processos trabalhistas; discursos jurídicos, entre outros.

Essa nos parece ser a marca das pesquisas atuais, uma ênfase maior na história das mulheres, com uma diversidade de fontes e abordagens, mas quase todas voltadas para o espaço urbano e para o último século. O foco tem sido quase sempre a conquista do espaço público e urbano, como o

espaço da fala, da legitimação do uso da palavra e dos espaços de poder bem como da divulgação dessa palavra, através da escrita ou de imagens, por exemplo.

Apesar de tal constatação também queremos destacar que, se desde os anos 1980 o tema dos estudos de gênero e da história das mulheres tem cada vez mais despertado interesse d@s pesquisador@s, a partir da década de 2010, tem obtido cada vez mais visibilidade e tem se tornado mais desafiante depois dos ataques proferidos por vários setores ao que tem se convencido chamar de "ideologia de gênero". O que parece estar contribuindo para disseminar crenças equivocadas sobre o conceito de gênero é certa incompletude na forma como o termo gênero é compreendido. Os que criticam utilizam a palavra como fosse sinônimo de sexo biológico, caracterizando o homem e a mulher. Contudo nos estudos de gênero, a palavra é compreendida e utilizada de forma mais aprofundada, como uma categoria de análise que ajuda a pensar a maneira como as ações e posturas, dos homens e das mulheres, são determinados pela cultura em que estão inseridos [Scott, 2008].

Isso nos leva a questão da divulgação da história e do nosso papel como educadoras e pesquisadoras dessas questões, passamos a nos perguntar como deter essa onda de desinformação e intolerância? Temas que precisamos enfrentar e que podemos situar no que denominamos de *temas sensíveis* que precisam ser problematizados no âmbito escolar em todos os níveis. Entendemos aqui os temas sensíveis como: "temas controversos, cujo tratamento no espaço público se vê particularmente dificultado ou tensionado pelas implicações políticas, éticas e memoriais que acarretam, pelas hipersensibilidades ou irracionalidades que, em consequência despertam" tal como a definição de Vera Carnovale [Andrade, Balestra e Gil, 2018, p.17].

A latência do tema, os setores que mobiliza e sua intensa circulação, abala o sistema de poder enraizado na família patriarcal e no sistema heteronormativo. Essas questões são fundamentais para pensarmos a pesquisa e o ensino em história. Ou seja, nossas pesquisas sobre o passado mobilizam questões sensíveis do presente? Ou, nossas pesquisas e a prática de ensino estão dando conta de responder as questões sensíveis do presente? Em que medida o saber acadêmico pode interferir nas questões sensíveis e contribuir para uma sociedade mais justa, mais humana, mais democrática?

Desde o momento em que nos foi feito o convite para participar desse simpósio estávamos em dúvida sobre o que abordar. Falar sobre as nossas pesquisas e trajetórias como professoras? Falar sobre o que são os estudos de gênero? Sobre os mais recentes ataques a pesquisa e a academia? Sobre a angústia que tem permeado a vida acadêmica e a insegurança que tem nos colocado, nós como pesquisador@s, professor@s, estudantes em constante tensão e com um sério comprometimento da nossa própria saúde mental? Abordar a sensação de isolamento, fatalidade, incompreensão que está permeando ultimamente os corredores das nossas universidades?

Decidimos fazer um misto de depoimento/desabafo, pois esse é o momento de nos posicionarmos e colocarmos os temas sensíveis na mesa de discussão, partindo das nossas vivências, experiências e dos temas sensíveis que percebemos estar permeando a sociedade. Cabe-nos destacar que esse processo deve levar em consideração a subjetividade do/da historiador/a, que nossa prática não é alheia às crenças, aos sistemas de valores e as visões de mundo de cada um.

Para finalizar queremos lembrar que, no início do século XX, algumas mulheres se uniram para lutar por alguns direitos básicos, como o direito a ter uma educação de qualidade, de ter um trabalho com uma boa remuneração, de ter o direito de participar da vida política do seu país, de ter direito de escolher se iriam ter ou não ter filhos e até mesmo o direito de simplesmente andar livremente pelas ruas sem ser importunadas. Muitas dessas demandas as mulheres conquistaram ao longo de um século, outras ainda são apenas desejos e promessas, mas elas deixaram uma lição importante no nosso entender: não devemos deixar as adversidades nos impedir que lutar pelo que acreditamos ser o certo.

Fomos convidadas para participar de um evento acadêmico, em um momento de desmonte e ataque das universidades e das pesquisas em ciências humanas, com cortes governamentais significativos, que impactam diretamente no ensino e na pesquisa histórica. Em um momento que nossa profissão está sendo tão atacada e desacreditada – momentos como estes nos proporcionam a oportunidade de fazer uma reflexão sobre nossa trajetória e, no nosso entender, devem ser celebrados como momentos de luta e de resistência. Acreditamos que é o momento tanto de repensar a nossa profissão e o modo como nos relacionamos com a sociedade quanto a forma como divulgamos o conhecimento que produzimos na academia. Como bem abordou o samba-enredo da escola de samba Mangueira em fevereiro de 2019 – está na hora de: “tirar a poeira dos porões – abre alas pros teus heróis de barracões [...] dos brasis que se faz um país de Lecis” e nós acrescentamos, um país de dandaras, de Dilmás, de Marias, de Marieles e de tod@s nós.

REFERÊNCIAS

Mônica Karawejczyk é historiadora, professora, pesquisadora e feminista. Doutora em História pela UFRGS, atualmente professora colaboradora do PPG História PUCRS e bolsista PNPd-CAPEs.

Marlise Regina Meyrer é historiadora, professora, pesquisadora e feminista. Doutora em História pela PUCRS, atualmente professora permanente da Escola de Humanidades e do PPG História PUCRS.

ANDRADE, Juliana Alves de; GIL, Carmem Zeli de Vargas; BALESTRA, Juliana Pirola. Ensino de História, Direitos Humanos e Temas Sensíveis – Apresentação/Dossiê e Entrevista – Vera Carnovale: A dor do outro como tema nas aulas de história. Revista História Hoje, vol. 7, nº 13, 2018.

KARAWAJCZYK, Mônica. *As filhas de Eva querem votar: uma história da conquista do sufrágio feminino no Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 2020.

KARAWAJCZYK, Mônica. Christine de Pisan: uma filósofa no medievo?!. In: PACHECO, Juliana [Org.]. *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. Disponível em: <http://www.editorafi.org/filosofas>

KARAWAJCZYK, Mônica. *Mulher deve votar? O Código Eleitoral de 1932 e a conquista do sufrágio feminino através das páginas dos jornais Correio da Manhã e A Noite*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

MEYRER, M. R. *Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da Revista O Cruzeiro [1955-1957]*. Passo Fundo: UPF Editora, 2017.

Disponível em:

http://editora.upf.br/images/ebook/representacao_desenvolvimento_rev_o_cruzeiro.pdf

MEYRER, Marlise Regina [Org.]. *Quinze de Novembro: Fronteiras da [in]tolerância*. Passo Fundo [1945-1955]. São Leopoldo: Oikos editora, 2016. Disponível em:

[http://oikoseditora.com.br/files/Quinze%20de%20novembro%20-%20E-Book%20\[2\].pdf](http://oikoseditora.com.br/files/Quinze%20de%20novembro%20-%20E-Book%20[2].pdf).

MEYRER, Marlise Regina [org.]. Documentário – “Gênero, Educação e Sexualidade”, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=71v4yI5C6Ao>

MEYRER, Marlise Regina [org.]. Documentário – “XV de Novembro: fronteiras da [in]tolerância”, disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=4h5LnzC-3_0

MEYRER, Marlise Regina; GEVEHR, Daniel Luciano. *Gênero, identidade étnica e poder: mulheres na imigração alemã no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2014. Disponível em: <http://editora.upf.br/index.php/e-books-topo/41-historia-area-do-conhecimento/92-genero-identidade-etnica-e-poder>.

SCOTT, Joan. El género: una categoría útil para el análisis histórico. In: *Género e historia*. México: FCE, Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2008, p.48-74.